

Marcel Novaes **Os
Automóveis
Ardem
em
Chamas**

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2022

*Ora se c'è una cosa amara, desolante
È quella di capire all'ultimo momento
Che l'idea giusta era un'altra, un altro il movimento
Moriamao per delle idee, vabbè, ma di morte lenta
Vabbè, ma di morte lenta*

(Georges Brassens, Mourir pour des idées, 1972
— versão de Fabrizio De André)



1

25 de junho de 2019



PAULO ESTÁ NO QUINTO CHOPE. Não costuma beber sozinho, mas hoje precisa colocar a cabeça em ordem. Por hábito, acabou vindo ao bar que frequenta com o pessoal da redação. Só depois que já tinha se sentado, numa mesinha no canto, quase escondido, pensou que seria melhor ter ido a outro lugar, não está a fim de encontrar ninguém conhecido. Mas já tinha pedido o primeiro copo e, além do mais, sendo terça-feira a chance não é tão grande.



O garçom o conhece, boa noite, seu Paulo, cadê o pessoal?, hoje eu tô sozinho mesmo, Amadeu, boa noite, vê um chope claro, com colarinho. Hoje ele está sozinho, realmente. Não apenas sozinho: solitário. Ler o conteúdo daquele documento o deixou com um sentimento de desamparo. Ter perdido a mãe há pouco tempo também não ajuda.



A gente acha que conhece a pessoa. Convive com ela por anos. Desde que nasceu. E, no fim da vida, ela apronta essa. Ê, dona Carla. Deixou uma última surpresa, quem diria. Sempre foi calada, é verdade. Ficou viúva muito cedo, Paulo nem chegou a conhecer o pai. Não gostava de falar sobre ele. Seu pai morreu, meu filho, num acidente de trânsito. Foi nessa história que Paulo passou a vida, os primeiros cinquenta anos, acreditando. Mas não é a verdade.

O mineiro só é solidário no câncer, quem disse isso? Otto Lara Resende? Nelson Rodrigues? Não tem certeza. De qualquer forma, sua mãe não era mineira, era paulistana. O câncer sim, ela teve. De pâncreas. Barra pesada. Quando descobriu, já estava avançado. Nenhum sintoma para dar o alarme. Sentiu um pouco de dor nas costas, mas quem não tem dor nas costas? Lamento, a senhora tem pouco mais de seis meses. No papel, ela tinha setenta anos. A tristeza a envelhecera bem mais.

Amadeu, mais um, faz favor. A mãe não quis lutar com o câncer. É assim que todo mundo fala, quando se trata desse assunto: lutar. Mas não é uma luta. No caso dela, pelo menos, não foi, não chegou nem perto de uma luta, foi uma entrega, como se ela tivesse passado todos aqueles anos esperando a doença, que nunca chegava, atrasada para um encontro marcado antes dele nascer.

Seu pai não tinha morrido num acidente. Todo mundo sabia disso, menos ele. Seus avós, sua tia Bianca, todos tinham mantido segredo sobre o assunto, tinham participado da mentira por cinquenta anos, a pedido de sua mãe, que só mudou

de ideia quando soube do câncer. Resolveu falar. Quer saber, Paulinho, vou te falar a verdade. Até então não tinha sido a hora, nunca fora hora. Só quando ela soube que ia morrer, que estava com os meses contados, é que chegou à conclusão de que ele tinha direito à verdade. Não era o caso de ter raiva. Mas estava errada. Estava. Considerada frágil durante a vida toda, sempre poupada, mas vamos falar francamente: foi egoísta. Achou que manter aquela história seria melhor para ele. Para ele? Para ela. Ela não queria tocar no assunto.

Tinha seus motivos, afinal, porque acontece que não era só a morte do pai. Havia mais coisa envolvida. Por isso, aquele suspiro. Fez até um chá. Sentou-se, com o chazinho no colo, e deu um suspiro profundo. Paulinho, acho que é hora de te contar. O suspiro de alguém cansado de prender a respiração por cinquenta anos. Saber a verdade. O quê? Sobre o pai, mas também sobre a mãe.

Amadeu, mais um, faz favor. Nós não sabemos exatamente como seu pai morreu. Os detalhes, não conhecemos os detalhes. Mas uma coisa nós sabemos: não foi em nenhum acidente. Ele foi assassinado.

Paulo balança a cabeça, sozinho na mesa. É o único no bar a ocupar uma mesa sem nenhuma companhia. Imagina as turmas de jovens a olhar para ele e dizer, ó lá o tiozão pinguço. Ele limpa os óculos e coça a barba grisalha. Não estão tão longe assim da verdade. Devia pedir uma porção de batatas fritas só para ter o que fazer, enquanto enxuga um copo atrás do outro. Não é fácil ouvir que seu pai foi assassinado. Ainda mais quanto quem te conta isso é sua mãe, que acabou de

descobrir que está com câncer. É bastante novidade de uma só vez. Obrigado, Amadeu, me vê também uma porção... pensando bem, deixa pra lá.

Ele ficou calado, esperando ela continuar, beber um pouco de chá e dizer quem era o assassino, como se fosse uma grande revelação de final de livro. Mas ela não sabia. Anticlímax. Seu pai morreu dentro da cadeia, nós nunca descobrimos o que aconteceu. Como assim, dentro da cadeia. Que cadeia? Estava preso por quê? Ela abanou a mão, espantando a mosca da memória. Ah, meu filho, nem vale a pena, loucuras daquela época. Loucuras? Daquela época? Mas ela não quis falar mais. Alegou sentir-se fraca. Ora, ora, fraqueza conveniente. Mas estava fraca, mesmo.

Paulo é fotógrafo do jornal, está acostumado a acompanhar reportagens, sabe como funciona uma investigação e não dependia dela. Foi atrás da história do pai por conta própria. Podia ter feito isso a qualquer momento, só que a ideia que nunca lhe ocorrera. Acreditara na mãe. Quem não teria. Revirou notícias antigas. Terminou achando uma nota, publicada em 1970: “O estudante de engenharia Mauro Vasconcelos foi preso no último dia 12. Membro da Aliança Libertadora Nacional, fez parte da quadrilha responsável por realizar o assalto a uma agência bancária no Brás, que terminou em morte. Ontem, ao ser levado ao hospital para assistência médica, tentou fugir e acabou atropelado”.

Relera aquilo nem sabe quantas vezes. Estava chocado. ALN. Assalto a banco. Loucuras, realmente. Não conhecera o pai, mas criara uma vaga ideia de como ele devia ser. De

repente descobria que mesmo aquela vaga ideia estava totalmente errada (e eis que ficava claro de onde viera a inspiração para lhe dizerem que seu pai morrera num acidente de trânsito: era a versão oficial do evento). Agora, ao mesmo tempo em que precisa aceitar que a morte da mãe, o pai parece estar de alguma forma renascendo. Só com muito chope, mesmo. Basta um sinal de leve para Amadeu trazer o próximo. Cada copo vem com um apoio novo, a pilha de apoios lhe diz quantos já bebeu (está no oitavo). Deveria pegar leve, amanhã cedo tem um encontro importante. Assembleia Legislativa de São Paulo. Primeira vez. Trabalha mais na área de cultura, nunca precisou visitar o lugar.

Munido da notícia, pressionou a mãe. Ela tinha que contar tudo. Mesmo que fosse sem chá nem nada. Por gentileza, que história é essa de assalto, de cadeia, de assassinato. Esquece, meu filho, não importa mais, seu pai morreu faz muito tempo, eu nem devia ter te contado. Espera um pouco, como assim, não importa, é claro que importa, importa muito, não é todo dia que um filho descobre que seu pai foi preso. Eu também fui presa, Paulo, eu também fui presa.

Vira o resto do chope e coloca o copo em cima do apoio, soltando um ah! Chega, melhor parar. Aquela nova revelação tinha sido um susto ainda maior, é claro. Sua mãe, figura calada e frágil, a sisuda dona Carla, presa? Era irreal. Devagar, conseguiu tirar dela algumas informações. Na hora, achou que era bastante coisa. O suficiente para ir atrás dos processos de detenção, junto ao sistema judiciário. Não tinha sido fácil, empurrado para lá e para cá, e dá-lhe requerimentos e formulários,

e firma reconhecida dela, e firma reconhecida dele. Meses. Acabou conseguindo. Nesse meio tempo, a mãe faleceu. No velório, apenas ele, sua tia Bianca e seu primo Daniel.

Foi só hoje que ele finalmente teve acesso aos papéis e se deparou com a última surpresa. Todos na família sempre souberam, é claro, menos ele. Ninguém lhe contara, nem a tia. Quem lhe trouxe a informação foi o antigo registro, em linguagem burocrática, obtido nos arquivos do tribunal. Os autos. O juiz só pode falar nos autos, os autos só falam com quem procura ouvi-los. Estavam ali o nome de sua mãe, a acusação, a data. Ela não tivera coragem de lhe contar, mas os autos lhe contaram. A data da prisão. Nove meses antes de Paulo nascer. Ela estava grávida.

Só mais um, Amadeu, por favor. Só mais um.



Contatos do autor

marcel.novaes@gmail.com

sites.google.com/site/marcelnovaes





LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Adobe Garamond
Pro pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em novembro de 2022.
